



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	“Estratégia” populista de esquerda como identitarismo afetivo. Uma oportunidade perdida em um momento crítico no qual medidas/ políticas substantivas, racionais, não afetivas e programáticas de esquerda são necessidades imediatas – e generalizáveis”
Autor/a	Aysen Candás
Tradutor/a	<i>Adriana P. Matos</i>
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v.3 n.2, Dossiê Theodor W. Adorno, 2º semestre de 2019, pp. 438-462.
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/3904

Formato de citação sugerido:

CANDAS, Aysen. ““Estratégia” populista de esquerda como identitarismo afetivo. Uma oportunidade perdida em um momento crítico no qual medidas/ políticas substantivas, racionais, não afetivas e programáticas de esquerda são necessidades imediatas – e generalizáveis”. Trad. Adriana P. Matos. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 3 n. 2., Dossiê Theodor W. Adorno, 2º semestre de 2019, pp. 438-462.

“ESTRATÉGIA” POPULISTA DE ESQUERDA COMO IDENTITARISMO AFETIVO

uma oportunidade perdida em um momento crítico no qual medidas/políticas substantivas, racionais, não afetivas e programáticas de esquerda são necessidades imediatas – e generalizáveis

Aysen Candas¹

Tradução de Adriana P. Matos²

O termo “populismo de esquerda” tem pelo menos dois sentidos que precisam ser diferenciados um do outro. No que segue, eu defino a primeira variedade como *substantiva e existencialmente populista*, e a segunda como *populismo-de-esquerda-como-estratégia*. Após apresentar os atributos e diferenças desses dois modelos de populismo de esquerda, vou

¹ Aysen Candas é Professora de Ciência Política na Universidade Bogazici e Professora visitante na Universidade Yale.

² Adriana P. Matos é doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Núcleo Direito e Democracia do Cebrap.

focar em apenas *três* problemas que eu vejo como mais significativos.

Os três problemas que eu foco são os seguintes. Primeiramente, vou problematizar *o populismo como pura estratégia*, a saber, como a regressão libidinal deliberada das massas ansiosas e inseguras ao manipular diretamente suas emoções e fazer com que elas se identifiquem com o líder. Seguindo Neumann (publicado postumamente, 1957), vou chamar esse método de mobilização de identificação afetiva de *método cesarista* – que o populismo de esquerda como estratégia parece querer seguir, em particular em sua linhagem Laclau-Mouffe.

Em segundo lugar, eu vou questionar *o papel desempenhado pelo populismo de esquerda em um jogo dinâmico de autoria de populistas de direita*. Como me parece, os populistas estratégicos de esquerda fazem seus cálculos a respeito do sucesso projetado de seu movimento com base em um modelo estático do momento presente, desconsiderando os movimentos e intenções dos outros atores, e falham completamente em perceber o significado do papel que podem acabar desempenhando em um jogo dinâmico *em relação ao impacto do populismo de direita em um momento de crise política dual e crise econômica dual*. Eu argumento que a estratégia populista de esquerda é “*constituída*” para atuar de uma determinada maneira – no sentido de Laclau – pelo – o que Mouffe chama de – “momento populista”, que é um momento originalmente de autoria dos populismos de direita. Como parceiros *constituídos* do populismo de direita, estrategistas de esquerda estão fadados a desempenhar o papel de *ator coadjuvante no esvaziamento do*

centro e na destruição das instituições democráticas básicas. Isso porque os populistas de esquerda que usam o populismo como estratégia desconsideram as necessidades imediatas das massas que requerem um programa racional, substantivamente de esquerda, e uma solidariedade que é forjada nas bases desse programa racional. Em lugar disso, o populismo de esquerda como estratégia: a) ajuda populistas de direita a substituir a legitimidade formal/legal/racional pela legitimidade carismática, e b) ajudam populistas de direita a substituir o estilo racionalista da política constitucional por um estilo emocional.

Em terceiro lugar, vou terminar com uma reflexão a respeito da natureza do que Mouffe chama de “momento populista”. Eu gostaria de examinar “o momento populista”, redefinir suas características e refletir sobre nosso momento presente como uma instância do que os historiadores costumavam chamar de “síndrome do atraso”. Enquanto que, nas décadas posteriores aos horrores dos anos 1930, a tese da “síndrome do atraso” foi levada adiante para tornar a Alemanha e a Itália casos muito específicos para se retirar lições, uma tese similar está agora atuando na nossa rejeição em aprender com casos de populismo avançado “atrasados”, como a Turquia. Entretanto, algumas lições que podem ser retiradas da experiência populista da Turquia são essenciais para populistas iniciantes em qualquer lugar. A lição mais essencial que pode ser obtida do caso turco é que uma oposição que espere, dos populistas de direita, consistência de mensagem, congruência de parceiros de coalizão e políticas econômicas estritamente neoliberais, estará muito despreparada para o fato de que as políticas econômicas

dos populistas de direita e seus parceiros de coalizão, enquanto eles tentam chegar ao poder, serão *muito ecléticas*. Populistas de direita astutos combinam racismo e misoginia *com* movimentos inclusivos, forjam coalizões absurdamente ecléticas e as dissolvem e remodelam com parceiros quase que inteiramente diferentes, implementam políticas econômicas desreguladoras, neoliberais, em conjunto *com* distribuição de vantagens, rendas e benefícios sociais para os grupos-chave que eles querem recrutar, e tornam o patronato a forma dominante de recrutamento de grupos.

Populismo de esquerda como substância versus populismo de esquerda como estratégia

O populismo de esquerda significa, por um lado, o legado de uma tradição muito antiga de luta que pode talvez ser formulada como “a recusa das massas exploradas em serem condicionadas pela história [*be acted upon by history*] e sua vontade de escrever a sua própria história”. Nesse primeiro sentido, os *atores que são condicionados* pela história e que *agora* estão assumindo a sua autoria são as massas “oprimidas, exploradas, sem voz”; o que elas querem superar é tanto a sua passividade e o seu papel passivo no fazer histórico quanto as causas de sua passividade, bem como as causas de sua opressão e exploração. Há um ator coletivo, sua jornada é um processo de aprendizado coletivo, uma luta transformativa acontece de forma a tornar os atores passivos em forças ativas, e há um resultado final claro se tiverem sucesso, a saber, “superação da injustiça, desigual-

dade, exploração, discriminação e ausência de voz”. Essa é a definição *substantiva* de política de esquerda no geral; e o fato de ser chamada de “populista” deriva diretamente desse *conteúdo*, no sentido de que são os *interesses objetivos e generalizáveis em igualitarismos das massas* que estão sendo considerados aqui e, como resultado, isso é chamado de populista.

Por outro lado, populismo de esquerda também se refere a *uma forma, uma lógica e um estilo de política mobilizadora de massa*. Alguns proponentes dessa visão (por exemplo, a linha-gem Laclau-Mouffe) chamam isso de uma estratégia e a definem como um método de mobilização que não está ligado a “nenhuma ideologia”, e argumentam que não tem “conteúdo programático”. Está baseado na definição de quem “nós” somos e quem são os “adversários”. Busca provocar e alimentar *as emoções* das massas contra os adversários e visa estabelecer uma identificação *afetiva* com o líder carismático.

Nesse segundo sentido, populismo não é mais o resultado natural da substância da política de esquerda. Em lugar disso, o populismo de esquerda é pura estratégia. Ele surge como uma consideração posterior que busca abordar um problema específico, que é usualmente descrito como as massas sendo mantidas inconscientes de seus objetivos e interesses generalizáveis. O populismo de esquerda como estratégia tenta não superar essa alienação como tal, mas *contornar* esse problema da “falsa consciência” e da falta de apoio popular suficiente da qual a política de esquerda sofre, como um resultado disso, por meio da inserção do princípio de liderança.

Como resultado, o populismo de esquerda como estratégia envolve *dois atores hierarquicamente relacionados*, os organizadores da estratégia e do movimento, por um lado; e as massas, que devem ser organizadas sob a direção deles, por outro. O objetivo não é superar os problemas substantivos associados com as políticas de esquerda, mas ganhar o poder cavalcando no apoio popular que deve ser obtido das massas. Quem será ativo/agente no fim, como resultado da estratégia populista de esquerda, é o Líder (e o seu quadro intelectual, *nomenklatura* potencial, *tecnicamente uma tecnocracia*), e quem continuará como recipientes passivos que são reduzidos aos seus papéis instrumentais são os sujeitos passivos e sem voz que podem ser (ou podem não ser) paternalisticamente “resgatados” da exploração e discriminação (ou não). Que eles vão continuar a ser forças passivas e permanecer recipientes sem voz “condicionados pela história” deve estar mais ou menos claro.

O populismo de esquerda entendido no primeiro sentido, como *a substância das políticas de esquerda*, visa corrigir e transformar as causas estruturais da injustiça. Seu alicerce é a dignidade e igualdade. À medida que foca na dignidade e igualdade, necessariamente produz um tipo de política que repousa incansavelmente em sua própria virtude moral e coletiva, sua indignação não é do tipo que pode ser satisfeita pela conquista do poder coercitivo. O populismo de esquerda no primeiro sentido é, no fim das contas, um tipo de política específico, transformativo, que considera a própria política como essencialmente instrumental para a realização de seus fins pro-

gressistas substantivos. Esse tipo de política visa destituir não meramente um tipo de estrutura econômica, mas também um certo tipo de “poder” político de seu trono, não podendo, portanto, abordar o “poder político” acriticamente. A reivindicação por dignidade e igualdade que constitui seu alicerce inclui a politização não apenas do empobrecimento, não apenas da exploração, mas também da ausência de voz e da invisibilidade daqueles que têm sido sistematicamente tornados invisíveis, daqueles cujas necessidades “normalmente” não contam. Consequentemente, suas reivindicações substantivas podem ser realizadas apenas por mecanismos genuinamente participativos, democráticos não somente do ponto de vista substantivo, mas também procedimentais, inclusivos, deliberativos, igualitários e representativos. Como a democracia direta não pode ser aplicada em todos os níveis da administração, como a deliberação a respeito da articulação de necessidades em oposição à deliberação a respeito da articulação de opções disponíveis realisticamente e possibilidades restringidas objetivamente requerem diferentes tipos de *feedback*, participação, experiência e conhecimento e estilos de escuta, é preciso que enfrente o fato necessário de níveis múltiplos de deliberação bem como de representação. Tudo isso torna a *substância das questões* e os *métodos* disponíveis para o *populismo-de-esquerda-no-sentido-substantivo* primariamente “racional”, visto que seus agentes horizontalmente relacionados, como membros do mesmo movimento, questionam, analisam, problematizam, desafiam, articulam, deliberam, negociam, discutem, concordam e discordam, tornam-se convencidos ou permanecem não convencidos à

medida que opiniões alternativas são expressadas pelos seus pares. Seus processos deliberativos permitem aos “diretamente afetados” assumir o papel central na articulação das necessidades, enquanto também incorpora conhecimentos técnicos ou históricos de especialistas de forma a expandir informação, alargar o entendimento dos fatos objetivos, o quadro abrangente, as opções disponíveis e as restrições objetivas que existem. Cria espaços onde as pessoas argumentam para convencer e estão prontas a serem convencidas pela introdução de evidências convincentes.

Emoções, conseqüentemente, entram na prática da política substantiva de esquerda – no primeiro sentido – apenas como *resultados naturalmente decorrentes e não intencionais* de experiências de exploração, discriminação, desigualdade e injustiça, de cuidado pelo outro, de preocupação com direitos e igualdade, na raiva que emerge quando alguém reflete a respeito da desigualdade, injustiça, exploração e discriminação, e na solidariedade emergente e determinação que uma coletividade encontra completamente em sua jornada para desfazer as injustiças [*undoing the wrongs*]. Portanto, a práxis da coletividade horizontalmente relacionada envolve uma busca coletiva pelos meios disponíveis, direções da ação, restrições existentes para realizar os fins coletivos. Tudo isso requer *a prevalência da racionalidade* no sentido de argumentação *contestável* em relação ao outro e dirigida ao outro, dirigida à parte *sensata* do cérebro, oferecendo *evidência*, clamando à *consciência* do público, *deliberação pública*, *reflexão coletiva dos pares* a respeito de suas circunstâncias objetivas e subjetivas e à avaliação

seletiva de como eles podem transformá-las... Consequentemente, esse tipo de política *somente indiretamente* produz emoções que *apenas surgem naturalmente*. As emoções mesmas, ao passo que elas surgem naturalmente e não são negadas ou reprimidas, não são os *alvos* imediatos das políticas substantivas de esquerda e seu estilo organizacional.

Uma política substantivamente de esquerda é populista *existencialmente e necessariamente* devido ao seu tema e seus sujeitos, e não porque busca projetar a imagem do populismo.

O populismo de esquerda entendido como um estilo particular de mobilização de massa, por outro lado, não se baseia em uma ideologia particular e consistente internamente e não tem um programa. Ele rejeita a racionalidade como o estilo da política. A estratégia do populismo de esquerda que é baseada no princípio do líder é potencialmente a arte performática de um artista carismático cujas mensagens são tipicamente compostas de uma lista de *slogans best-sellers* e sua mensagem está, portanto e graças a isso, potencialmente em constante mudança.

Esse fato da mutabilidade torna essa estratégia e a política populista em suas variedades de esquerda e de direita, mas em particular na de direita, extremamente adaptável, especialmente dado o fato de que *se livra do que é de fato uma necessidade racionalista de entregar uma mensagem internamente consistente*. Em seu estágio de movimento, é uma pura técnica de poder, um cálculo maquiavélico que é baseado em fomentar e manipular as emoções das pessoas, maximizando o amor e apoio ao líder enquanto produz ódio pelo adversário,

amplificando e mobilizando essas emoções para atingir a massa crítica com o intuito de assegurar a chegada ao poder.

O propósito último do populismo de esquerda como estratégia é chegar ao poder, portanto o princípio que o governa é necessariamente o majoritarismo [*majoritarianism*]. Dependendo da homogeneidade ou da heterogeneidade da população e do nível de diversidade étnico-religiosa em uma dada sociedade onde é aplicado, ele está fadado a replicar as exclusões e discriminações historicamente relevantes, particularmente *contra minorias*. E isso não constitui problema algum, dado que, devido à falta de um programa, através da rejeição da racionalidade, o problema da consistência interna é em grande medida irrelevante; portanto, as mensagens podem mudar de um público para outro. Essa é a principal razão porque na Europa, por exemplo, nos movimentos populistas de esquerda, organizadores podem seletivamente e “estrategicamente” usar os sentimentos antissemitas e anti-imigrantes como parte de sua estratégia de mobilização. O foco em identidades como uma estratégia, em lugar de conteúdo programático, e a necessidade de forjar uma maioria sem um conteúdo programático ou mensagem consistente, necessariamente introduz majoritarismo identitário.

A estratégia populista de esquerda também considera a política como instrumental, mas reduz a função da política à “conquista do Estado”. Através de sua rejeição schmittiana do liberalismo político, se mantém ignorante no que diz respeito aos recursos institucionais que foram inventados e estabelecidos pelo mesmo liberalismo político para enfrentar tanto o

antigo problema da tirania quanto o problema do paternalismo. Enquanto se volta para o recebimento do máximo possível de apoiadores e para a construção de um front hegemônico contra um “adversário”, não reflete sobre as contradições entre o princípio do líder e a necessidade de separação de poderes, a necessidade de processos deliberativos e participativos que informem e democratizem os processos de tomada de decisão e mecanismos participativos que transformem a passividade bem como as hierarquias de status herdadas. Consequentemente, ela reduz os problemas que uma política de esquerda tem de lidar a um *problema de liderança*, e à medida que isso é assim, sua crítica da “tecnocracia” e seu anti-intelectualismo rampante colocam uma grande *contradição performativa uma vez que seu(s) líder(es) são certamente especialistas*. Quer chegar ao poder fomentando ódio contra o estilo de cima para baixo da direita, mas promete meramente substituí-lo pela sua versão de cima para baixo de esquerda, que reduz o papel e o significado das massas ao seu valor instrumental de levar o líder ao poder.

O populismo de esquerda no primeiro sentido, substantivo, é uma necessidade radical (ou generalizável), especialmente hoje em dia, à medida que sentimos os primeiros indícios poderosos de uma tremenda revolução tecnológica que vai mudar completamente os processos e relações de produção.

É uma necessidade radical dado o fato de que nossa existência como raça humana nesse planeta está em perigo e não pode mais ser mantida ou sustentada por meio do desenvolvimento econômico e do produtivismo.

É uma necessidade radical porque desigualdades internas às sociedades estão crescendo globalmente, como resultado de décadas de globalização, e tornam a democracia, como um tipo de regime baseado na igualdade de cidadania, em grande parte insustentável pelas situações concretas.

É uma necessidade radical uma vez que expressa a necessidade de recusa de ser condicionado pelas forças econômicas. É uma necessidade radical porque o populismo de direita politiza o *status quo*, mas o faz a fim de reverter as conquistas igualitárias. Uma política de esquerda, que o é substantivamente, é hoje uma necessidade radical e universal porque nós estamos diante da possibilidade de entrar em uma nova era de re-feudalização e segunda servidão que ameaça representar cenas do capitalismo do século XIX.

É também uma necessidade radical e universal porque simplesmente demandar uma solução keynesiana para os problemas econômicos objetivos, o paradigma produtivista e desenvolvimentista, é deixar escapar as questões essenciais e algo que ameaça culminar em uma situação que tornaria a existência física da raça humana insustentável.

É uma necessidade radical porque nós precisamos elaborar propostas programáticas racionais, inclusivas, realizáveis, criativas e sustentáveis para enfrentar os desafios objetivos. A enorme complexidade dos desafios econômicos objetivos que enfrentamos hoje torna o estilo racional de política uma necessidade radical.

Atores coadjuvantes – e constituídos – do que é de fato um jogo dinâmico

O que é inteiramente desconsiderado pelo populismo de esquerda como estratégia é o papel que ele se voluntaria a desempenhar no jogo cuja autoria é dos populistas de direita. O populismo de esquerda como estilo e estratégia falha em ver o quadro completo e as dinâmicas do jogo, ele foca meramente na oportunidade que pode agarrar e considera o seu próprio papel como a única força dinâmica enquanto também assume que as outras variáveis e atores permanecem constantes. Mas o momento é de fato de autoria dos populistas de direita como uma *resposta* à crise política dual e à crise econômica da livre iniciativa baseada no capitalismo competitivo e à ascensão da revolução digital. Populistas de direita são os oportunistas *originais* usando o populismo de direita como uma estratégia para destruir completamente todas as conquistas das lutas democráticas e igualitárias dos últimos duzentos anos. Eles esperam transformar o regime político enquanto o modo de produção está de fato se transformando. Eles parecem detestar princípios liberais, todo tipo de igualitarismo, autonomia do povo, deliberação democrática, instituições representativas, transparência, responsividade, representação e deliberação racional sobre propostas políticas. Eles gostariam de derrubar a forma legal/racional da lei e substituí-la por formas de dominação carismática e tradicional e trazer de volta as ordens hierárquicas de status e sistemas de castas. Eles querem fazer tudo isso por meio da introdução do princípio de Liderança. Seus inimigos são toda forma de política de esquerda, seja substantivamente ou estra-

tegitamente, que eles rotulam como “socialismo” ou “comunismo” e usam esses espantalhos como parte de sua estratégia de mobilização na definição de seu próprio inimigo. Eles deliberadamente polarizam a sociedade em “o povo genuíno” e seus “inimigos internos” e tentam pressionar as forças, na centro-esquerda e na centro-direita, a escolher um lado.

O populismo de esquerda como estratégia é ironicamente o parceiro ideal para os populistas de direita. Isso porque o populismo de esquerda como estratégia identifica algumas de suas – de fato leves, objetivamente necessitadas, racional e urgentemente necessárias – propostas de políticas social-democratas como “socialismo ou comunismo”. Isso, por sua vez, desconsidera amplamente a aversão e o ódio forte de muitos a respeito de qualquer coisa associada com “socialismo e/ou comunismo”, o que é resultado de um período longo de Guerra Fria, bem como de memórias horrendas do “socialismo de estilo soviético”. Enquanto tentam construir uma hegemonia de forma oportunista, por assim dizer, a estratégia populista de esquerda de *auto-identificação* é, pelo contrário, *contraprodutiva para seus próprios propósitos em particular* e também para as inclinações de esquerda e para as políticas de esquerda substantivas urgentemente necessárias em geral. Em lugar de reivindicar um interesse *geral, o meio, o centro, todas as populações inseguras*, essa estratégia divide a esquerda, esvazia o centro, e por conta de seu estilo de manipulação de emoções, força mais pessoas do centro, que seguiriam uma política racional substantiva e programaticamente de esquerda, a se posicionar ao lado de populistas de direita e, portanto, ajuda o populismo de

direita a reunir mais apoio do que normalmente conseguiria com seu próprio esforço. Uma falta de compreensão por parte da estratégia populista de esquerda a respeito de resultados não intencionais de sua autorrotulação e marketing ironicamente torna os populistas de direita mais fortes. Isso é certamente muito triste para uma estratégia cujo trabalho autodefinido é o planejamento estratégico.

De forma mais significativa, ao adotar o mesmo estilo emocional e o mesmo método de polarização, a estratégia populista de esquerda ajuda os populistas de direita a *depor a razão*, a política racional, a deliberação, a competição entre propostas políticas convincentes, a negociação e o acordo. Quando, não a força do melhor argumento, não a força de evidência convincente, mas a estratégia polarizante de fomentação de emoções e identitarismo se tornam a norma da política pela conformidade entre populismos de direita e de esquerda, populistas de direita acham o espantinho que eles urgentemente precisavam para derrubar a forma racional/legal de dominação e para introduzir formas de dominação tradicionais e/ou carismáticas. O centro do espectro político, pelos seus esforços coletivos, fica esvaziado.

Forças de esquerda e de direita antissistema se unem para revogar o *status quo*, mas o *status quo* que eles derrubam contém *também* precisamente as conquistas democráticas dos últimos séculos. “Qualquer coisa” não é melhor que o *status quo*, e algumas alternativas facilmente realizáveis podem, de fato, ser muito piores. O debate, portanto, não é sobre “o que a política de esquerda deveria fazer em um vácuo onde se supõe ser o

único agente”. O momento populista é sobre uma série de crises políticas, bem como econômicas, e a resposta política reacionária que elas geraram em certos setores para culminar em coalizão populista de direita. A questão racional relevante que a estratégia de esquerda deve enfrentar é como suas estratégias agem em relação a movimentos estratégicos de outros nesse contexto dinâmico quando há um movimento populista reacionário, antidemocrático e anti-igualitário.

Em seu ensaio de 1957 “Ansiedade e Política”, publicado postumamente, Neumann buscou responder à questão “por que massas seguem cegamente um líder”. Ele argumenta que existem dois tipos de identificação, afetiva e não-afetiva. Identificação não afetiva “contém elementos racionalistas fortes, elementos de calculabilidade”, “esse tipo de lealdade é transferível” e o elemento racional nele “previne a extinção total do ego”. “Identificação afetiva com o líder” é a forma mais regressiva de identificação, uma vez que envolve a fusão total das massas com o ego do líder, envolve encolhimento quase completo e intransferível do ego. Ele chamou isso de identificação *cesarista*.

Adoração de líder, cultos, carisma, obediência cega são os produtos orgânicos de políticas reacionárias de direita. Se unir ao coro para tornar esse o novo estilo de política é participar da escavação do próprio túmulo, uma vez que tornar essas emoções a norma da política destruiria a racionalidade, e seriam as massas que em última instância perderiam. Em um jogo majoritário onde a alimentação do ódio é a estratégia dominante, aqueles que odeiam mais, aqueles que são mais cruéis, aqueles

que regrediram mais, aqueles que tem mais recursos para usar essa estratégia de polarização, sempre vencem.

Nesse jogo, nesse momento, dada “a contemporaneidade do não contemporâneo”, dado o “desenvolvimento desigual”, dada a sobreposição de formas tradicionais, industriais e pós-industriais de existência, as maiorias que o estilo afetivo dos populistas de direita pode esculpir para seu identitarismo, racismo, nacionalismo radical, ódio por minorias, antissemitismo e política anti-esquerda, tendem a ser muito maiores que aquelas que o estilo estratégico do populismo de esquerda pode esperar retirar de sua coalizão arco-íris. Nesse jogo, nesse momento, dada “a contemporaneidade do não contemporâneo”, dado o “desenvolvimento desigual”, dada a sobreposição de formas tradicionais, industriais e pós-industriais de existência, as maiorias que o estilo afetivo dos populistas de direita pode esculpir para seu identitarismo, racismo, nacionalismo radical, ódio por minorias, antissemitismo e política anti-esquerda, tendem a ser muito maiores que aquelas que o estilo estratégico do populismo de esquerda pode esperar retirar de sua coalizão arco-íris.

Democracia constitucional é o único tipo de regime político que inventou direitos e garantias de minorias e dispositivos contra majoritários. Essas são as instituições mais importantes que precisarão ser protegidas em nome dos vários tipos de minorias, em nome da equivalência, em nome do igualitarismo e da coexistência pacífica. Reduzir essas conquistas ao imensamente amorfo “neoliberalismo”, ou rejeitar o valor das normas liberais, como as liberdades jurídicas que protegem a

pessoa legal na relação com o Estado, é ignorância, na melhor das hipóteses, e suicídio, na pior. Para seu crédito, Mouffe diz que essas coisas não devem ser descartadas. A fragilidade de sua proposta se encontra na suposição de que o Líder de sua escolha consideraria esses pontos como essenciais ou não. No fim das contas, isso se resumirá aos desejos arbitrários do líder, que determinará os resultados do regime.

Em suma, a estratégia populista de esquerda pode ser reduzida ao seu oportunismo, mas seu oportunismo é cego e míope, e está, em última instância, não apenas destinado a falhar diante da estratégia populista de direita, mas também ajuda os populistas de direita a consolidar a política de estilo emocional e o princípio de liderança afetivo-identitário e formas de dominação tradicional e carismática como as novas regras.

Fundamentando o momento populista

Mouffe celebra o momento populista como uma oportunidade. Enquanto diagnostica corretamente as crises políticas, como eu argumentei acima, ela desconsidera o papel coadjuvante que sua estratégia populista de esquerda “afetivo-identitária” potencialmente desempenharia em um cenário com múltiplos atores e fatores. Nesse cenário: a) crises econômicas/estruturais/objetivas presentes levam ao aumento de políticas populistas substantivamente de esquerda como necessidades imediatas e generalizáveis, e/mas b) o populismo de direita se levanta primeiro como candidato a dar a resposta política anti-

igualitária e regressiva a essas crises de origem econômica, usando a crise dual do estado como sua justificação.

Populismos de direita são uma mistura de: a) uma forma e estilo de política (fase do movimento de construção de amplas coalizões *versus* fase do monopólio do estado), b) uma ideologia central (fase do monopólio do estado), c) um programa econômico eclético (fase do movimento *versus* fase do regime), bem como d) uma coalizão eclética de grupos sociais (fase do movimento *versus* fase do regime).

Escrevendo em 1986, resumindo décadas de descobertas de estudos de várias disciplinas a respeito das causas para a ascensão do fascismo, o historiador Geoff Eley argumentou que o fascismo surgiu no contexto de uma dupla crise no estado, como uma crise de representação e como a crise do estabelecimento da hegemonia ou consentimento popular.

Eley também compilou e lidou com uma vertente particularmente longa dentro daquela literatura sobre o fascismo que falou a respeito da especificidade e particularidades da Alemanha de Weimar e da Itália. De acordo com ele, muitos historiadores e cientistas políticos acabaram por diagnosticar uma “síndrome do atraso” no caso da Alemanha e da Itália dos anos 1920 e 1930, e eles argumentaram que esses casos eram muito particulares para que derivássemos lições maiores e que eles significavam os resultados de crises em casos onde existia “desenvolvimento desigual” e em que ocorreu uma sobreposição de formas econômicas pré-industriais/rurais e industriais, bem como de formas sociais e culturais associadas a elas.

De forma muito semelhante aos teóricos da “síndrome do atraso” que interpretaram e reinterpretaram a transição para o fascismo na Alemanha e na Itália como casos inteiramente específicos, muitos hoje: a) não entendem a importância do contexto quase globalmente aplicável e generalizável como de “desenvolvimento desigual” e “sobreposição de” não meramente “pré-industrial e industrial”, mas também de pós-industrial em muitos países hoje, potencialmente aguçando o impacto das crises, enquanto divide a resposta política que as massas direcionariam contra elas, e b) considerariam exemplos de países “atrasados” muito específicos e, no caso da Turquia, também muito “particular culturalmente”. “Atraso”, particularidade islâmica, “regimes políticos determinados culturalmente” de maiorias muçulmanas seriam trazidos à tona, os fracassados esforços de democratização da Turquia e sua transição sem fim e regime híbrido seriam enfatizados.

Contudo, se nos apoiássemos não em particularidade cultural, mas em análise institucional, nós facilmente perceberíamos o fato de que *qualquer religião* que é politizada e quer conquistar o estado para impor sua ideologia na população pode agir de formas similares. Não é essencialmente a particularidade da ideologia do Islamismo *per se*, mas o eclipse do público e o acoplamento da *religião politizada* com o populismo de direita que desempenhou o papel central na Turquia e, sim, o fato de que a Turquia nunca foi um país com estado de direito e democracia consolidada e carecia de instituições democráticas fortes, e também que o islamismo político é uma das principais formas transnacionais de nacionalismo religioso que finalmente

conseguiu conquistar a Turquia... Mas a religião politizada, o retorno de reivindicações de religiões para governar o estado e para regular os corpos das mulheres, o retorno da ideia contrarrevolucionária e anti-igualitária de substituir regimes de igualdade de cidadania por ordens de status e sistemas hierárquicos estão infelizmente desenfreadas e perpassam a maioria das tradições religiosas e populismos de direita hoje.

Assumindo que essa ênfase no institucionalismo em lugar do culturalismo dá uma ideia da capacidade da experiência turca de oferecer algumas lições, um fato extremamente significativo e lição potencial a respeito do populismo de direita que foi verificado pela experiência da Turquia é o habilidoso *ecletismo* dos populistas de direita. Eles tendem a ser ecléticos na narrativa, na construção de coalizões e eles tendem a ser ecléticos na política econômica (ironicamente, a literatura das ciências sociais sobre o fascismo contém numerosas referências ao ecletismo, usando a mesma palavra que eu pensei que tinha inventado para descrever o fenômeno que observei na Turquia na última década). A única certeza sobre seu caráter *até que eles conquistem todas as instituições e monopolizem todas as fontes de poder social* é a sua imensa flexibilidade, adaptabilidade e mutabilidade. Tudo isso eles devem ao seu ecletismo.

Estilo ideológico eclético ou narrativa desonesta inconsistente internamente e políticas econômicas ecléticas são necessidades para os populistas de direita, uma vez que chegam ao poder por meio do majoritarismo, se erguendo nos ombros de uma coalizão eclética. Aqueles que estão mobilizados com base no *medo de perda de privilégio*, bem como oportunismo e

recente mobilidade ascendente, vencedores e perdedores da globalização, alguns seguimentos da classe trabalhadora, bem como alguns seguimentos da indústria aos quais se promete primeiro livre comércio, e depois monopólios, são seus parceiros. O modo como cada grupo é cortejado e mantido como “equivalente” até a total consolidação do poder também não é uniforme, cada um exige um diferente tipo de vantagem, renda e benefícios sociais para manter seu apoio. Isso resulta na capacidade dos populistas de direita em conduzir *políticas populistas também economicamente*. Essas não são políticas genuinamente redistributivas, mas são, no entanto, suficientemente significativas para atrair muito mais grupos economicamente desfavorecidos sob seu patrocínio, especialmente em um tempo de incerteza econômica generalizada e insegurança desenfreada. Políticas baseadas em patronato e clientelismo que foram vistas como regionais ou específicas, ou em geral como aberrações, se tornaram o *estilo dominante de se relacionar com os – objetivamente (devido a interesses divergentes) e deliberadamente (devido a estratégia polarizante) – grupos divididos das massas*.

Esse “ecletismo” como um fator prova que uma agenda meramente economicista de esquerda, se potencialmente popular e realizável, poderia ser provavelmente sequestrada pelos populistas de direita. *Ver a sua estratégia como meramente de direita e desconsiderar seus movimentos à esquerda e o impacto dessa política econômica eclética é não entender nada da razão pela qual o populismo de direita é tão bem-sucedido*. Isso é ainda mais uma razão porque não devemos lançar a palavra “neoliberalismo” tão frequentemente como se fosse o caráter essencial

dos populistas de direita; políticas econômicas não são questões teóricas, mas empíricas. A maioria das propostas políticas igualitárias e facilmente realizáveis do populismo de esquerda como estratégia estão destinadas a ser roubadas e colocadas em prática pelos populistas de direita, uma vez que *o populismo de direita também usa o populismo como uma estratégia*. Em seu caso, o cerne, o movimento ideológico tradicionalista, anti-igualitário, racista, misógino, é a ideologia alicerce que eles vão implementar, *mas apenas quando* eles consolidarem completamente e monopolizarem o poder.

Para o núcleo eleitoral de Erdogan, ele é um benfeitor, um César de esquerda dos oprimidos, distribuindo benefícios mensais, os alimentando como um barão faria, em troca de obediência cega. Para aqueles milhões não qualificados, não educados, e não apenas relativamente, mas também absolutamente pobres, Erdogan é um populista de esquerda. Para o resto, ele é um populista de direita.

Ver quais movimentos podem estar à frente, realística e claramente, e avaliar corretamente o impacto de um plano de jogo de alguém na dinâmica mais ampla são necessidades essenciais para parar o levante e intervenção contrarrevolucionários e populistas de direita. Ao que parece, identificações não-afetivas, políticas de estilo racional, propostas de política de modo programático, substancialmente de esquerda e generalizáveis, objetivamente necessárias, como impostos mais altos, regulação e responsabilização de multinacionais; regulação antitruste em relação a oligopólios e monopólios; defesa das instituições democráticas constitucionais, princípios liberais e

democráticos, igualitarismos, dispositivos contra-majoritários que foram estabelecidos pelas democracias constitucionais no período pós-Segunda Guerra; e sua defesa deve ser a substância e a estratégia em lugar de um "populismo como estratégia" afetivo-identitário cesarista e programaticamente vazio. A proteção dessas propostas para dar sentido igualitário à democracia, como igualdade de voz e igualdade de direito a liberdades igualmente e efetivamente exercíveis em cada estágio de vidas vividas com dignidade, deve ser o fundamento essencial do bloco anti-populista.

À medida que a estratégia do populismo de esquerda foca somente no estilo emocional de política, mobilização afetiva e o princípio da liderança, ela está *no mesmo campo* dos populistas de direita, uma vez que ambos estão tentando superar o estilo de política racional, deliberativo, programático, substantivo, orientado para a prática; e ambos querem substituir a forma racional/legal de legitimidade por uma carismática. A única diferença é que, na variedade de direita, o carisma é acoplado com tradicionalismo, enquanto na esquerda é acoplado com o anticapitalismo. Ambos reduzem o momento da dupla crise ao seu significado puramente identitário e perdem de vista as inseguranças econômicas reais, incertezas reais de base econômica que tornam as massas ansiosas, vulneráveis, inseguras e abertas à manipulação pelos líderes carismáticos. Enquanto que, no caso do populismo de direita, tornar invisível a crescente importância da generalização da política substantiva de esquerda como uma necessidade para as massas é precisamente o resultado pretendido pela estratégia populista, a estratégia

populista de esquerda talvez esteja apenas intuitivamente consciente desses movimentos. *Este* é o genuíno momento populista não compreendido pelo populismo de esquerda como estratégia em seu papel de ator coadjuvante de um jogo dinâmico de múltiplos atores e múltiplos fatores com os oligarcas de direita.

Recebido em 23/10/2019, aprovado em 13/03/2020 e publicado em 12/06/2020.

Original: "Left Populist 'Strategy' as Affective-Identitarianism: A Missed Opportunity at a Critical Moment when Substantive, Rational, Non-Affective, Programmatic Left-Leaning Policies/Politics are Immediate - and Generalizable - Needs", Praxis 13/13 blog, organizado pelo Centro para Pensamento Crítico Contemporâneo da Universidade Columbia (CCCCT). Disponível em: <http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/ayesen-candas-left-populist-strategy-as-affective-identitarianism/>

Referências bibliográficas

NEUMANN, F. “Anxiety and Politics”. In: NEUMANN, F. *The Democratic and the Authoritarian State: Essays in Political and Legal Theory*. Londres: Collier-Macmillan Limited, 1957, p. 270-300.